

PARATEXTOS EM ANTOLOGIAS DE CRÔNICAS¹

Paratexts in anthologies of chronicles

Caroline de MORAIS²
Flávia Brocchetto RAMOS³

Resumo: Este artigo analisa elementos paratextuais de três obras classificadas como antologias que fazem parte do acervo do PNBE, Ensino Médio. Os livros escolhidos são: *Balé do pato*, de Paulo Mendes Campos, *Cala a boca e me beija*, de Alcione Araújo, e *João do Rio – uma antologia*, seleção de Luís Martins, contendo crônicas dos autores. Nas obras, são analisados aspectos de prefácios, orelhas ou desdobros, capas, lombadas, quartas capas, seguindo orientações de Genette (2009). Discutiram-se os elementos paratextuais como instrumento para a leitura dos livros. Os dados analisados reiteram a importância do leitor evidenciada nos paratextos e destacam possíveis ligações entre autor e leitor, firmando uma fidelidade aos futuros textos.

Palavras-chave | Leitura. Antologia. Paratextos. PNBE.

Abstract: This article examines some paratextual elements of three works that are part of the Collection of PNBE, in the High School group. The chosen works are: *Balé do pato*, by Paulo Mendes Campos, *Cala a boca e me beija*, by Alcione Araujo, and *João do Rio – uma antologia*, selection of Luis Martins, compilations containing chronicles of the authors. Data is analyzed as prefaces, dust jackets or dust covers, covers, spines, back covers, following the established theories and studies by Genette (2009). The paratextual elements were discussed as an instrument for reading the books. The analyzed data reiterate the importance of the reader evidenced in the paratexts and highlight possible links between author and reader, establishing a fidelity to future texts.

Keywords | Reading. Anthology. Paratexts. PNBE.

1 Artigo produzido no âmbito do projeto de pesquisa aprovado pelo processo 305191/2016-0, Chamada CNPq N ° 12/2016 – Bolsa de Produtividade em Pesquisa – PQ.

2 Morais. UCS. Endereço eletrônico: cacarolpf@yahoo.com.br

3 Ramos. UCS. Endereço eletrônico: fbramos@ucs.br

Introdução

Por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997, o Ministério da Educação distribuiu para as escolas públicas acervos compostos de obras literárias, gratuitamente, até 2014. O Ensino Médio foi atendido pelo Programa apenas em três edições – 2009, 2011 e 2013. O edital de 2015 foi lançado e houve avaliação pedagógica das obras, entretanto, a lista de títulos selecionados não foi divulgada e não houve aquisição. Este artigo focaliza três livros encaminhados às escolas na última edição, a fim de analisar elementos paratextuais, como prefácio, orelhas, capa, lombada e quarta capa das obras.

Entende-se que os paratextos ajudam a compor o produto final, tornando-o mais receptivo ao leitor, interlocutor principal do autor ao escrever seu texto. Conforme evidencia Darnton (1990, p. 112), ao construir o circuito de comunicação, a leitura é uma figura chave no processo de produção do livro:

O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma ideia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos, quer estejam escrevendo sonetos shakespearianos ou instruções para montar um *kit* de rádio.

O texto escrito surge para circular, ou seja, para ser lido e como tal recebe complementos que o transformam em livro. Diferentes textos tendem a se unir formando um livro. É o caso, por exemplo, da antologia, que se constitui pela reunião de peças. As obras escolhidas para análise são antologias de crônicas de renomados autores brasileiros: *Balé do pato*, de Paulo Mendes Campos; *Cala a boca e me beija*, de Alcione Araújo, e *João do Rio – uma antologia*, seleção de Luís Martins. Por se tratar de crônicas, texto mais curto com temas mais corriqueiros, favoreceria a aproximação com os estudantes matriculados no Ensino Médio.

Elementos paratextuais

Muitos leitores sentem-se atraídos por obras literárias a partir de alguns elementos paratextuais. Primeiramente, ocorre o encantamento pela capa do livro e, após, o leitor tende a ler e a analisar as orelhas, a quarta capa e o prefácio. Depois dessa fase de aproximação, atém-se à leitura integral da obra escolhida. Esse protocolo é o esperado pela maioria dos editores e autores; todavia, não é obrigatório, pois “[...] ninguém é obrigado a ler um prefácio, mesmo que essa liberdade nem sempre seja bem-vinda para o autor, e veremos que muitas notas são dirigidas apenas a *certos* leitores.” (GENETTE, 2009, p. 11, grifo do autor).

A *capa da obra* é, comumente, o elemento que mais prende a atenção do leitor. Esse paratexto respeita a obrigatoriedade do nome do autor; o título da obra, com destaque; e o selo do editor. Dessa maneira, as três obras escolhidas para análise contêm esses elementos obrigatórios e, além disso, cada capa apresenta uma imagem figurativa relacionada ao título. Nos exemplares analisados, cada obra pertence a uma editora distinta, cujos nomes e logotipos estão registrados na capa.

A *composição dos títulos* das obras *Balé do pato* e *Cala a boca e me beija* recupera o título de uma das crônicas que compõe cada antologia, ou seja, o título das duas obras retoma uma crônica integrante do livro. Acerca do componente “título”, Genette (2009, p. 55) afirma que “o título tal qual o entendemos hoje é, de fato, pelo menos diante das intitulações antigas e clássicas, um objeto artificial, um artefato de recepção ou de comentário, imposto arbitrariamente pelos leitores, pelo público, pelos livreiros, pelos bibliógrafos...”. Em *Balé do pato*, não há ocorrência de subtítulo ou indicação genérica. Já em *Cala a boca e me beija*, há a prescrição: “crônicas”, na sequência do título, orientando o leitor de que o exemplar é formado por essa forma textual.

O título de *João do Rio – uma antologia* direciona ao nome do autor, diferindo das duas obras analisadas anteriormente, que visavam a peculiaridades do gênero. Nesse caso, tem-se o subtítulo “uma antologia”, indicando de forma explícita o teor do livro, reforçando o espaço que o autor “João do Rio” tem no cenário artístico.

A *lombada* é um “local exíguo mas de evidente importância estratégica” (GENETTE, 2009, p. 29). Nas três obras, repete-se o mesmo modelo, ou seja, é composto por nome do autor, título da obra e logotipo da editora, nessa ordem. Aqui, percebe-se a “importância estratégica” exposta por Genette (2009), em razão de que essas obras que compõem o acervo do PNBE ficam nas escolas, mais especificamente nas estantes das bibliotecas e,

- | Paratextos em antologias de crônicas

com isso, o leitor pode buscar o livro pela lombada, devido à forma como as obras são armazenadas nas estantes.

A *segunda capa*, situada no verso da capa principal, geralmente está em branco em obras literárias; entretanto, em todos os exemplares analisados, constam orientações do MEC acerca do manuseio dos títulos. Esse pequeno texto situa o livro para o público leitor e informa o objetivo do acervo – garantir o acesso à cultura e à informação (Figura 1). Assim, percebe-se a uniformidade entre as obras e o fomento à leitura propostos pelo Ministério da Educação, reiterando que “toda narrativa pressupõe um leitor, e toda leitura começa a partir de um cerimonial inscrito dentro do texto.” (DARNTON, 1990, p. 167).

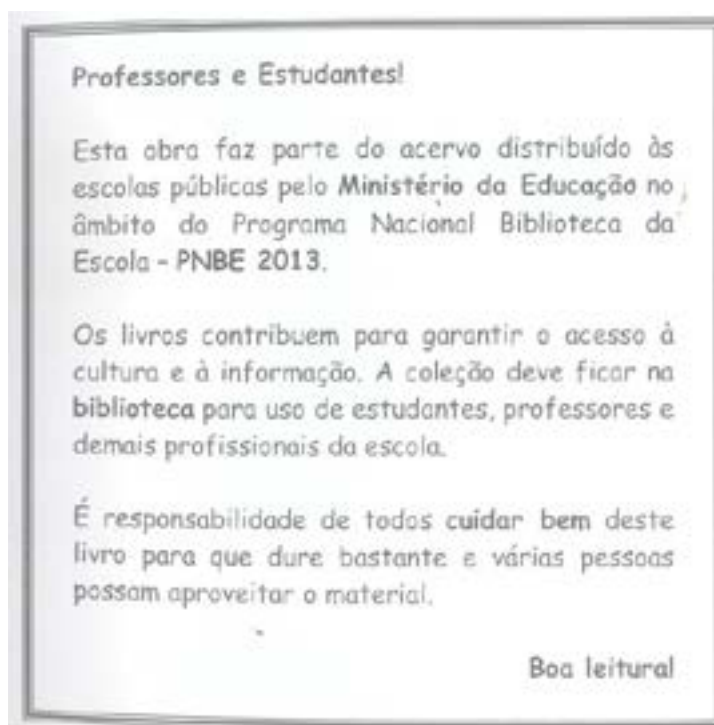


Figura 1 – Texto veiculado na segunda capa de obras selecionadas pelo PNBE 2013

Fonte: Obras do acervo PNBE 2013

A *quarta capa*, mais conhecida como contracapa, das obras escolhidas demonstra diferentes formas de prender o leitor ao exemplar que está em suas mãos. Nas três obras, estava presente o código de barras com o *International Standard Book Number* (ISBN). A quarta capa de *Balé do pato* contém breve resumo da obra e uma definição de crônica dada pelo autor em entrevista, finalizando com o que segue: “As trinta crônicas que compõem este volume não só formam um painel representativo da trajetória desse

grande escritor, como também constituem um belo instrumento para incentivar o gosto pela leitura.” (CAMPOS, 2013, quarta capa). O excerto valoriza o ato de ler.

Em *Cala a boca e me beija*, a quarta capa é composta por trecho de uma das crônicas publicadas. Esse trecho expõe a importância de se presentear com livros, destacando o prazer e a emoção de ler, assim como peculiaridades do ato: “Além de caber nas mãos, ocupa pouco espaço, não perturba vizinhos, dispensa tecnologia – a não ser, às vezes, uma lâmpada. [...] Ler é cotejar a bagagem existencial do leitor com os estímulos vindos do autor.” (ARAÚJO, 2012, quarta capa). O tom apelativo cita vantagens da leitura.

Na obra *João do Rio – uma antologia*, a quarta capa é composta por trechos do prefácio escrito por Luís Martins. A transcrição ressalta como o ato de escrever era importante para a carreira do autor, seja na redação de reportagens ou de crônicas. No entanto, nessa quarta capa, não se encontram dados que convidem diretamente o jovem leitor para o prazer de ler, como foi constatado nas outras obras analisadas.

As *orelhas* ou desdobros oferecem informações adicionais sobre a obra, o autor ou a editora. Contudo, em *Balé do pato*, não há orelhas, mas, para suprir essa falta, o exemplar proporciona, ao final das páginas, uma fotografia e uma breve biografia sobre Paulo Mendes Campos, contendo os principais episódios da carreira profissional⁴. Em seguida, há uma lista com títulos escritos pelo autor, sinalizando a classificação genérica e o ano de publicação, por exemplo, *O domingo azul do mar*, poemas, 1958, e *O cego de Ipanema*, crônicas, 1960. Para finalizar, nesse exemplar, são expostas as referências bibliográficas das crônicas que integram a antologia. Sobre a indicação genérica na lista das obras, Genette (2009, p. 92) menciona como essa formatação é comum e esperada nas obras literárias:

A colocação normal da indicação genérica [...] está ou na capa, ou na página de rosto, ou nas duas. Mas essa indicação pode ser rememorada em outros lugares, do qual o mais vinculante, para quem se vincula com facilidade, é a lista das obras “Do mesmo autor”, colocada em geral no começo (em frente da página de rosto) ou no fim do volume, quando se inclui nessa lista uma classificação genérica.

Cala a boca e me beija, de Alcione Araújo, possui orelhas ou desdobros com texto do também escritor Ignácio de Loyola Brandão. Nessa orelha, é enfatizado o primor do trabalho de Alcione Araújo e a valorização das crônicas integrantes da obra analisada. Ao

⁴ Esse texto adicional não apresenta autoria.

finalizar o paratexto, Ignácio de Loyola Brandão dirige-se ao leitor e expõe a necessidade de ler a presente obra, mostrando a leitura como algo que vicia: “Falo demais. Livro para sentar e deixar o tempo passar. Leia em dia sem compromissos agendados. Ou vai perder tudo o que marcou.” (ARAÚJO, 2012, orelha). Ao final da orelha, há uma fotografia de Alcione Araújo e um pequeno texto sobre romances, crônicas, teatros e filmes escritos pelo autor, bem como a indicação de prêmios recebidos.

Integra os desdobros da obra *João do Rio – uma antologia* texto escrito pela jornalista Cristiane Costa. Nele, é contemplada a ligação e as coincidências entre João do Rio e Luís Martins, além de demonstrar a dedicação dessas personalidades à crônica. Porém, a jornalista não se dirige ao leitor, como forma de chamá-lo para apreciar o título. Tem-se, nesse caso, texto mais técnico e direcionado para mostrar a união dos autores.

Genette (2009) confirma que os elementos analisados contribuem para trazer mais informações sobre o exemplar. Assim, nota-se o quão importante são esses dados para a obra em seu âmbito geral, pois leitores curiosos não se contentam apenas com a observação da capa e partem para a leitura dos paratextos citados, a fim de obter mais dados sobre a proposta da obra. Esses elementos são primordiais para que o leitor sintam-se instigado e motivado à leitura.

Após observar as configurações paratextuais externas ao exemplar, dirige-se o olhar para o interior do livro, mais especificamente, para o prefácio.

A influência do prefácio

O prefácio, também conhecido pelos nomes de *apresentação*, *introdução*, entre outros, antecede a narrativa de uma obra. Esse elemento não é obrigatório; contudo, a sua presença pode ser um diferencial para a leitura, uma vez que ambienta o interlocutor. Darnton (1990, p. 128) já mencionava que “os textos moldam a recepção dos leitores, por mais ativos que possam ser”. Ainda, para as obras que não possuem esse paratexto na abertura do exemplar, o leitor deve ater-se aos inícios dos textos – se há declarações do autor de forma a apresentar ou comentar a obra escrita.

Em estudo sobre prefácios em romances produzidos no Brasil, século XIX, Sales (2009, p. 132) argumenta:

[...] Pode-se afirmar que, no século XIX, os escritores mantinham a prática de apresentar seu romance ao leitor por meio do prefácio, e comumente eram encontradas palavras de gratidão dirigidas ao benévolo grupo de leitores. Os escritores constroem, dessa forma, uma imagem do leitor, e dão pistas do percurso de leitura desejado.

Nesse caso, o autor projeta o leitor e o caminho de leitura a ser realizado, pois o escritor coloca-se no lugar do espectador e elabora o texto a partir da figura de um sujeito em específico. Pela projeção, tem-se a figura de um leitor assíduo, que já estará ambientado aos modelos de obras de seu escritor preferido, buscando informações adicionais nos paratextos para adensar seu percurso. Assim, os dois indivíduos terão afinidade de leitura, uma vez que o discípulo se tornará fiel ao mestre, a partir do momento em que há sintonia acerca do universo ficcional.

O prefácio de *Balé do pato* denomina-se *Apresentação*, sob o título de “Um pescador de situações”, pois o autor “pescava”, conotativamente, algumas circunstâncias e as transpunha ao papel. Esse elemento paratextual ocupa duas páginas, configurando-se de maneira sucinta. No primeiro parágrafo, apresenta o autor e a aproximação com os leitores da escola, tendo em vista a faixa etária para a qual o autor começou a escrever: “A vontade de escrever aconteceu ainda nos tempos de colégio, quando decidiu contar os primeiros episódios de suas traquinagens” (CAMPOS, 2013, p. 7). Assim, observa-se ponto positivo do prefácio, ressaltando o fomento à leitura ainda nos primeiros anos escolares.

A exposição segue com as lembranças da juventude do escritor e nas tarefas de ser adulto e pai, ocorrendo progressão temporal, o que facilita a leitura. Em seguida, há a exibição geral das crônicas que compõem o título, adiantando que o leitor encontrará situações divertidas e, também, momentos inesperados, instigando o jovem estudante à leitura completa do exemplar. Neste contexto, é mencionada a importância de Paulo Mendes Campos para os jornais, por demonstrar qualidade nos textos e ser um grande nome no âmbito das crônicas. Esse prefácio consegue motivar os leitores e ganhar novos adeptos.

Paulino (2001), em seus estudos sobre crônicas, menciona o autor ao lado de grandes personalidades da Literatura Brasileira, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. “Esses escritores conferiram ao gênero maior prestígio, inscrevendo-o definitivamente na história literária brasileira. Por isso mesmo, a escola, em seu trabalho com a leitura, tem-se apropriado desse tipo de texto” (PAULINO, 2001, p. 115); mais uma vez, observa-se como o gênero crônica favorece a promoção da leitura, podendo ser trabalhado no ambiente escolar,

por proporcionar maior conhecimento e posicionamento diante dos fatos veiculados no texto.

O leitor é bastante valorizado nesse prefácio, pois é visto como alguém que integra a obra. A seleção de textos leva em conta os interesses do leitor, como é explicitado textualmente: “[...] Além da linguagem, refinada e irônica, um de seus grandes segredos foi a variedade de temas com que costumava cativar o leitor.” (CAMPOS, 2013, p. 8). Então, o interlocutor reconhece que a sua opinião e gosto são essenciais para o livro. No último parágrafo do referido prefácio, ocorre uma conversa direta: “Você vai rir, pensar e se emocionar ao enxergar a vida pelos olhos deste eterno garoto bom de prosa.” (CAMPOS, 2013, p. 8). Portanto, esse prefácio dialoga com o receptor e o orienta para a leitura, mostrando-se eficaz no conjunto da obra.

O prefácio de *Balé do pato* não é assinado e, conseqüentemente, não se tem conhecimento de quem é o autor. Logo, não se consegue estabelecer relações desse autor com o texto escrito ou mesmo com o leitor. Trata-se “[...] não mais exatamente de atrair o leitor, que já fez o grande esforço de obter o livro por compra, empréstimo ou roubo, mas de retê-lo por um processo tipicamente retórico de persuasão” (GENETTE, 2009, p. 176). O interlocutor precisa se sentir acolhido pela obra e tomar fôlego para fazer a leitura completa do exemplar.

A segunda obra analisada, *Cala a boca e me beija*, de Alcione Araújo, segue a mesma nomenclatura da obra de Paulo Mendes Campos, isto é, *Apresentação* sob o título de “O que é uma crônica, o que é a crônica de Alcione Araújo?”. Escrito em quatro páginas, informa sobre a obra e o autor. Nos primeiros parágrafos, é respondida a pergunta feita no título, ressaltando que a crônica “[...] é o reflexo do autor. É o seu poder de recriação da realidade, a tradução da sua subjetividade e a transcrição de sua sensibilidade relatada em um espaço delimitado. Já disseram que a vida é curta; talvez por isso caiba numa crônica.” (ARAÚJO, 2012, p. 9).

A conceituação de crônica contempla desde o folhetim, observando a sua evolução. Após, o leitor constata que a antologia é composta por 70 crônicas, escolhidas entre mais de 200, e todas foram publicadas no jornal *Estado de Minas*. Também há uma abordagem sobre o título “sugestivo” e, com isso, nota-se a aproximação com o público juvenil que está começando relacionamentos amorosos e pode se sentir atraído pelo título – *Cala a boca e me beija*.

Nesse prefácio, assim como no analisado na obra anterior, há comentários sobre algumas crônicas em específico, contextualizando-as e valorizando-as, a fim de que o leitor tenha vontade de lê-las, despertando-lhes a curiosidade. Glória Gomide, que escreve

a apresentação, dirige-se ao leitor, como se estivesse numa gostosa conversa: “Não se engane, caro leitor, cara leitora: com certeza você se verá sob vários títulos.” (ARAÚJO, 2012, p. 11). Pelo vocativo, fica claro o direcionamento e a relevância dada aos leitores, sejam do gênero masculino ou feminino. A proximidade revela, também, a relação que o leitor fará de sua vida pessoal com os textos apresentados, justificando mais uma vez a resposta dada à pergunta inicial do título do prefácio.

A obra é divulgada como sendo a própria pessoa do autor Alcione Araújo, uma vez que aponta os cuidados que tem ao escrever seus textos. “Mas nenhuma observação ou palavra é escolhida ao acaso, o que faz com que seu leitor sempre se veja dentro de sua crônica.” (ARAÚJO, 2012, p. 11). Dessa maneira, o leitor poderá se identificar com os textos – e, conseqüentemente, com o autor – logo, Alcione Araújo poderá alcançar leitores fiéis ao seu modo de escrever. Essa união entre autor e leitor é mencionada quanto à expectativa dos leitores que aguardavam as crônicas semanais do autor, conforme Araújo (2012, p. 12) explica:

A cada semana o leitor, antes de chegar o jornal de onde foram tiradas essas crônicas, pergunta: O que ele escreverá? Falará sobre filosofia, cultura, sobre o mundo, sobre o amor, sobre crianças, avós, adolescentes? Ou contará sobre o amigo, as caminhadas, sobre as histórias ouvidas nos restaurantes ou no calçadão? Falará sobre nada?

O modo como é concluído esse prefácio aproxima-se também da forma como é finalizado o da obra anterior, de Paulo Mendes Campos, isto é, há um direcionamento direto ao ato de ler: “E agora, com você, descolado da página de jornal, Alcione Araújo, recomendado a adultos, jovens e adolescentes. Lê-lo faz bem a todos.” (ARAÚJO, 2012, p. 12). Essa conclusão assemelha-se a aberturas de grandes espetáculos, nesse sentido, a leitura seria o espetáculo a ser vivido pelo leitor que é mobilizado para a leitura integral da obra.

O prefácio de *Cala a boca e me beija* é assinado por autoridade na área. A autora é a professora Glória Maria de Fátima Itabirano Gomide, Doutora em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais e Professora Titular da mesma instituição. Segundo Genette (2009), quando o prefácio é escrito por outra pessoa, recebe a nomenclatura de prefácio alógrafo.

Em *João do Rio – uma antologia*, o prefácio diferencia-se dos demais focalizados. Nesse caso, não há título indicativo como apresentação ou outro similar. Apenas o título específico – “João do Rio: a vida, o homem, a obra” –, composto por subtítulos que

definem e ampliam a ideia de cada um dos três itens. Para compor esse prefácio, o escritor Luís Martins vale-se de 14 páginas, devido às especificações de cada parte, de forma que os tópicos são expostos pormenorizadamente.

O início do texto privilegia o nome autêntico do autor, com filiação e dados de nascimento, lembrando que é mais conhecido pelo pseudônimo “João do Rio” do que por seu nome de batismo, João Paulo. Desse modo, remete-se à figura que o leitor conhece do autor, gerada pelo seu pseudônimo, como um ser criado ficcionalmente. Genette (2009, p. 48, grifo do autor), nesse sentido, argumenta: “O que nos interessa como elemento paratextual, independente se possível de toda e qualquer consideração de motivo ou de procedimento, é o *efeito* que a presença de um pseudônimo produz sobre o leitor, ou de modo mais comum sobre o público”. Para tanto, Luís Martins especula sobre a origem do pseudônimo e discorre acerca de como o autor se tornou famoso.

A vida de João do Rio é relatada desde a infância quando o pai, professor, falava do filho “João Paulo”, ensinado em casa, até o surgimento de “João do Rio” para o público, em 1900, mencionando textos que, posteriormente, estariam em livros. Nessa parte do prefácio, é abordada a entrada precoce do autor, com apenas 29 anos, à Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 26. Ainda, são tratadas a vida controversa nos jornais e a morte, muito jovem, em 1921.

Na segunda parte desse prefácio, com o subtítulo “O homem”, João do Rio é destacado como peça fundamental para a literatura e jornalismo cariocas. Essas noções são confirmadas por depoimentos de personalidades da literatura, tanto aqueles que gostavam quanto os que detestavam o autor, confirmando sua maneira polêmica de escrever. Assim, o leitor pode reconhecer e avaliar as duas imagens de João do Rio. Para concluir o debate, o prefaciador sinaliza que o mais correto é a descrição feita por Gilberto Amado, que faz “um julgamento ponderado e equitativo” (MARTINS, 2012, p. 11). Nesse depoimento, Gilberto Amado apresenta o conflito em que o autor conviveu em família, pois de um lado tinha o pai, filósofo e professor, e de outro a mãe, mulher refinada. Logo, o autor concebia um pouco de cada um.

Nos estudos de Paulino (2001) sobre as crônicas do Rio de Janeiro, os textos de João do Rio estão ligados aos de Machado de Assis e de Lima Barreto. João do Rio diferenciava-se ao transportar as crônicas para fora da redação de um jornal e, por isso, é considerado um “cronista-repórter”. A partir de seus escritos, revela os marginais criados pelo progresso da cidade, como é caracterizado por Paulino (2001, p. 114-115):

Reproduzindo o mundo dos marginais, dos viciados, frutos de desigualdades do sistema social brasileiro, João do Rio, tão apaixonado por sua cidade, forma com Machado de Assis, no final do século, e Lima Barreto, na primeira década deste, o tripé que fez incidir sobre o nosso processo de modernização um olhar mais crítico.

“A Obra”, terceira parte do prefácio de *João do Rio – uma antologia*, situa os textos do autor, correlacionando-o a outros escritores da época e alguns consagrados da Literatura, como Machado de Assis. Segue afirmando a importância que João do Rio dava ao cenário carioca e às mudanças que ocorriam nas primeiras décadas do século XX. Martins (2012, p. 15) ressalta que “João do Rio tinha uma exata consciência do seu papel de testemunha desse momento de metamorfose e adaptação”. O prefaciador cita os livros do autor, remetendo ao crescimento na carreira literária, uma vez que João do Rio acreditava e vivia o tempo presente.

O leitor reconhece a relevância da obra que lerá nos momentos finais do prefácio: “Na história da crônica brasileira, há um período anterior – e um período posterior a João do Rio.” (MARTINS, 2012, p. 18). Os textos que compõem o exemplar são identificados como vindos de outras obras, de forma que se buscasse um pouco de cada essência do que foi o escritor para a Literatura Brasileira. O prefaciador chama a atenção do leitor de que se tratam apenas de fragmentos de algumas obras: “Muitos desses trabalhos, por demasiado longos, não estão reproduzidos integralmente. Nesses casos, o leitor é lealmente advertido de que se trata de fragmentos.” (MARTINS, 2012, p. 20). Assim, percebe-se a intenção de que o receptor siga lendo João do Rio e busque mais obras, fomentando a leitura e descobrindo mais sobre novos autores.

Esse prefácio, escrito em 1971, conforme indicação posta ao final do texto, é de autoria de Luís Martins, que é também o organizador da obra e responsável pela seleção dos textos. Ao final do livro, há duas páginas que contextualizam quem é Luís Martins e fornecem informações sobre a vida profissional do prefaciador, indicando trabalhos realizados sobre Literatura Brasileira. Nessa parte, o leitor entende a relevância e a seriedade do organizador, notando que, mesmo depois de seu falecimento, ainda há muita repercussão dos seus escritos. Além disso, aproxima-se do leitor não só por João do Rio, foco principal, mas também por Luís Martins, o mediador da obra. Igualmente à obra anterior, o prefácio é alógrafo, ou seja, escrito por uma terceira pessoa, nessa circunstância, Luís Martins.

A partir dos estudos de Genette (2009), entende-se que o tipo de prefácio presente nas três obras expõe intenções e métodos para divulgação, exibidos no início dos exemplares, na forma de discurso em prosa. Nas três obras, o prefácio é preliminar, uma vez que ocupa lugar de destaque, nas primeiras páginas. Apenas um dos paratextos analisados não é assinado, *Balé do pato*; os outros dois possuem um prefaciador específico para a função, os quais assinam o paratexto que escreveram. Segundo Genette (2009, p. 167, grifos do autor), entende-se que estes dois exemplos se estabelecem como “[...] prefácio *alógrafo autêntico* [...] pelo qual um escritor apresenta ao público a obra de outro escritor, não oferece nenhum mistério, já que sua atribuição oficial é sempre explícita, seja sua ocasião original, posterior ou tardia, ou mesmo póstuma”. Nesses paratextos, tem-se o prefácio tardio, configurado por textos selecionados previamente para a antologia, sendo esse tipo de prefácio o mais frequente e, também, o mais significativo, pois propicia reflexão madura acerca do material veiculado na obra.

Considerações finais

Reflexões que favoreçam a leitura são positivas, diante do dinamismo e até da superficialidade do mundo contemporâneo. Olhar para as molduras de um texto pode favorecer seu entendimento. As análises dos prefácios realizadas neste artigo sinalizam que o leitor é o componente favorecido do paratexto, sendo que todas as informações são direcionadas ao entendimento acerca da obra.

Ao se deparar com um novo exemplar literário, é comum a curiosidade para folhear e reconhecer o que está dentro da obra escolhida, descobri-la. Dessa maneira, o leitor pode ser mobilizado pelos elementos paratextuais que, em um primeiro momento, são mais atrativos, conforme foram esmiuçados nos títulos focalizados, uma vez que trarão informações adicionais sobre o exemplar. Assim, ao ler esses paratextos, o leitor terá conhecimento de elementos constitutivos da obra. No ambiente escolar, os livros estão disponíveis em estantes, tendo apenas a lombada da obra como primeiro elemento para a conquista do leitor.

Alerta-se para a importância da sedução dirigida ao leitor desde a capa até a quarta capa. Os paratextos, em sua maioria, contribuem para a leitura total do exemplar, pois trazem, de certa forma, chaves de leitura. Lembra-se, por exemplo, de que no prefácio é estabelecida proposta de diálogo entre a obra e o leitor visado. Os textos iniciais dos três objetos de estudo correspondem satisfatoriamente ao elo entre autor e leitor. Dessa

forma, o leitor sente-se fascinado e envolvido para a leitura completa. Cabe, contudo, uma observação. As obras de acervos literários do PNBE são alocadas na biblioteca escolar. Algumas são pensadas para serem lidas de modo autônomo pelo estudante, outras carecem de mediação docente. Entende-se que os prefácios analisados, devido à extensão, à densidade e à riqueza das informações veiculadas, dirigem-se prioritariamente ao professor que atua como mediador da leitura literária e não ao estudante brasileiro de Ensino Médio que ainda está construindo o seu percurso de leitura.

Os elementos paratextuais apresentam, em sua maioria, uniformidade na composição. De acordo com as capas das obras analisadas, observa-se que mesmo pertencendo a diferentes editoras, todas as antologias seguem padrão básico de informações disponíveis, valorizando da melhor forma o exemplar. O mesmo padrão é reconhecido na análise das lombadas, que trazem as principais informações, para a exposição do exemplar na biblioteca escolar. Assim, confirma-se cuidado especial ao organizar esses elementos que compõem a parte externa da obra literária.

Outro cuidado específico está na perspectiva da escolha do título, valendo-se de que em duas obras analisadas, *Balé do pato* e *Cala a boca e me beija*, o espaço é preenchido com o título de uma crônica, vista como referência ao conjunto de escritos do autor. Logo, há valorização implícita da leitura de uma crônica em especial, que compõe a antologia. Para a terceira obra analisada, o título está pautado no nome do autor, *João do Rio – uma antologia*, valorizando sua trajetória literária. Em suma, considera-se que o título das antologias está destacando a crônica ou o autor, ou seja, privilegia pilares do exemplar.

Segunda capa, quarta capa e orelhas são paratextos que abrangem maior número de esclarecimentos sobre o exemplar, devido à dimensão mais extensa. A segunda capa de todos os títulos, que integram os acervos do PNBE, apresenta texto padrão, promovendo a aproximação com o leitor e desfrutando espaço que não é comumente utilizado. Para a quarta capa, confirma-se a ocorrência de fomento à leitura que, de maneira ampla, se direciona ao leitor, no entanto, uma das obras, *João do Rio – uma antologia*, não se reporta explicitamente ao leitor. Em se tratando das orelhas, cada obra apresenta um foco diferente. Se por um lado, em *João do Rio* o texto da orelha aproxima a história do autor e a do organizador da seleção de crônicas, por outro lado, em *Cala a boca e me beija* é retratada a valorização da leitura da presente obra por um amigo do autor. Percebe-se, assim, que as orelhas trazem aspectos referentes aos autores e aos textos publicados. *Balé do pato* não tinha esse elemento paratextual e utilizou as últimas páginas para divulgar informações sobre o autor.

Acerca do prefácio ou texto de abertura, ressalta-se que ele não é de caráter obrigatório, entretanto, as três obras estavam bem amparadas pelo referido paratexto. No quesito extensão, notou-se que cada obra possui dimensão diferenciada, não apresentando equivalência. Porém, os três exemplares demonstraram preocupação com as informações abordadas, destacando-se o prefácio mais sucinto, *Balé do pato*, composto de diferentes focos: exploração da temática da leitura e referência ao leitor juvenil, não deixando a desejar, além de explicitar a importância do seu autor. O prefácio de dimensão intermediária, pertencente à obra *Cala a boca e me beija*, também aborda relatos sobre o autor e a obra, mas diferencia-se dos demais, ao situar o leitor no processo de escolha das crônicas que compõem o título. Nesse aspecto, ressalta-se que esse paratexto estabelece tom de conversa, aproximando-se do leitor. Já na análise do prefácio mais longo, referente à obra *João do Rio – uma antologia*, reconheceu-se texto de caráter mais didático, mais explicativo, devido à sua distribuição e organização. Nesse caso, houve retomada de acontecimentos específicos acerca da vida pessoal e profissional do escritor. Também foram citadas opiniões de diferentes celebridades da área. Reconhece-se que essas menções instigam o interlocutor à leitura.

A obra classificada como antologia é um exemplar característico por reapresentar bons textos, anteriormente editados. Essa reapresentação, em parte, existe porque os escritos já foram bem avaliados pela crítica. Portanto, ao tratar de elementos paratextuais em antologias, entende-se que os paratextos deveriam favorecer a recepção da obra, pois são um dos elementos responsáveis pela contextualização e pelo entendimento do leitor diante do exemplar.

Referências

ARAÚJO, A. **Cala a boca e me beija**. Rio de Janeiro: Verus, 2012.

CAMPOS, P. M. **Balé do pato**. São Paulo: Anglo, 2013.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

MARTINS, L. **João do Rio: uma antologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

PAULINO, G. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

SALES, G. M. de A. Os prefácios de Macedo: para além do espaço ficcional. In: SOUZA, R. A. de; HOLANDA, S. A. de O.; AUGUSTI, V. (Org.). **Narrativa e recepção**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: De Letras; Niterói: EdUFF, 2009. p. 121-135.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: MORAIS, Caroline de; RAMOS, Flávia Brocchetto. Paratextos em antologias de crônicas. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 100-114, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i1.1838>

Submetido em: 18/05/2017. | **Aceito em:** 05/03/2018.
